SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

PORTE PAGO AVENÇA

ANO XXXIII

31 DE JULHO DE 1977

N.º 384

Avulso Esc. 7$50

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Saraiva de Carvalho, 97 — LISBOA-3 — Telef.: 603778 — Teleg YMCAPORT

ADEUS, «LADY» BADEN-POWELL

Faleceu Olave Soames Baden-Powell, Guia Chefe Mundial



A ÚLTIMA MENSAGEM DE «LADY» BADEN-POWELL

Queridas Guias, Escoteiros, Avezinhas, Lobitos, Dirigentes e Amigos:

Quando receberdes esta mensagem já terei deixado o Mundo. Ela exprimir-vos-á o meu agradecimento por todas as amabilidades e provas de afeição de que fui alvo e dar-vos-á conhecimento de quanto me alegrou o modo como assumistes o vosso cargo no movimento que, há já longos anos, o meu bem-amado marido criou

Continua na pág. 11

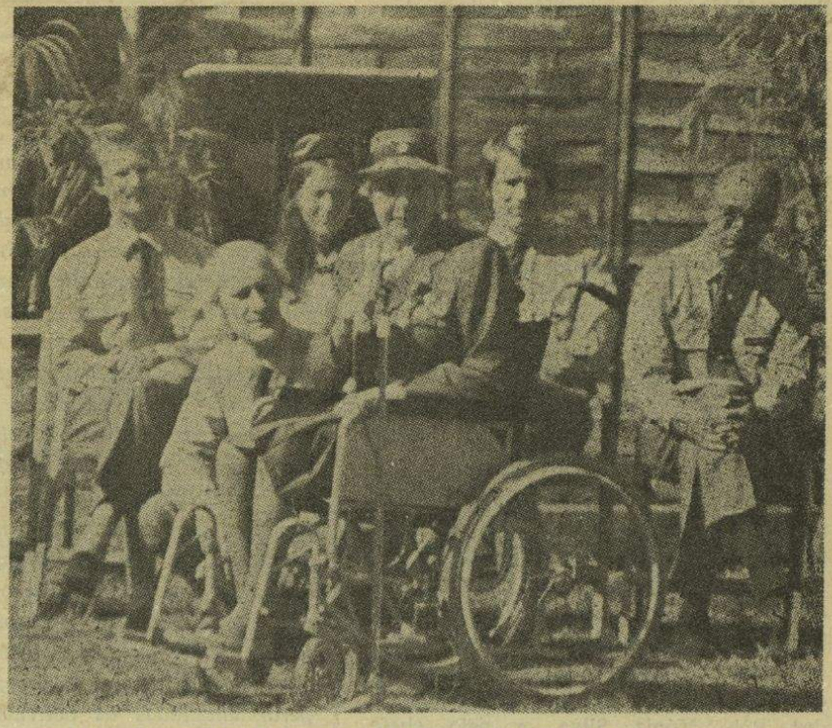
Uma vida dedicada ao bem-fazer

Inesperadamente, os jornais do passado dia 27 de Junho deram a notícia da morte de *Lady* Baden-Powell, notícia que com certeza foi emocionar milhões e milhões de pessoas em todo o mundo.

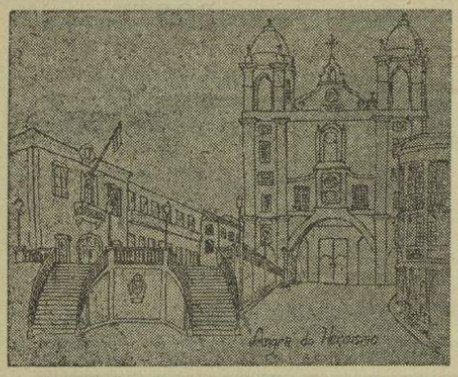
De facto, assistir-se ao finar de uma existência tão fabulosa como a que levou a viúva do Fundador do Escotismo, é acontecimento que não pode deixar de causar sentimentos de nostalgia, agora que o materialismo dos anos correntes parece tudo querer subverter, em especial quando se trate dos valores espirituais alcançados através de porfiados esforços de homens e mulheres de boa-vontade.

Com a idade de 88 anos, a Chefe Mundial das Guias estava dando inquietantes sinais de debilidade, extremamente reveladores numa pessoa que, ao longo da existência, dera fartas provas de crepitante energia e vivacidade. Há anos que abandonara a residência que a Coroa britânica lhe reservara junto do palácio de Hampton Court, mansão que os nossos antigos escoteiros tiveram oportunidade de observar aquando da memorável viagem a Londres. Instalara-se, então, Olave Baden-Powell numa clínica particular, em que, ao principiar do dia 26 de Junho, serenamente se finou durante o sono. Descansava

Continua na pág. 3



Lady Baden-Powell despede-se de Gilwell Park. O histórico recinto guarda mil e uma belas recordações que a Chefe Mundial das Guias descreveu aos presentes na derradeira vez que ali se deslocou, no Outono do ano passado. Mas o espírito do casal B.-P. permanecerá entre as vetustas árvores do belo parque escotista. À esquerda, de cócoras, o seu neto Robert, actual Lorde Baden-Powell.



O Escotismo nos Açores

Dia Mundial do Escoteiro em Angra do Heroísmo

De 23 a 25 de Abril, vários agrupamentos de Escoteiros realizaram actividades escotistas e recreativas, nas respectivas sedes e nos templos, onde prestaram a promessa novos elementos, mormente quanto ao C. N. E.

No que se refere ao Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, os rapazes realizaram um extenso programa de actividades, inaugurando vários melhoramentos.

Além duma palestra pelo chefe do grupo, aos microfones do Rádio Clube de Angra, alusiva a S. Jorge, durante o dia 23 funcionou na sede do 52 um posto do correio, com carimbo comemorativo e sobrescrito alusivo.

No domingo 24, fizeram compromisso de honra de 17 novos elementos, na Paroquial de Santa Luzia, de Angra. São eles os novos escoteiros: Duarte Jorge Silva, José Eduardo Melo, Francisco José Cristóvão, João Francisco Dutra, Duarte Manuel Brasil, Mário Jorge Meneses e José Carlos Mendes e os caminheiros Gustavo Manuel B. Silva, Fernando Fausto Cristóvão, João Luís G. Furtado, Dinis B. Pereira, Vítor Machado (alcateia); Carlos A. Cunha (clã); Fernando F. Cristóvão e Gustavo M. B. Silva (tribo).

No dia 25, representações do Grupo 52 da AEP, do Agrupamento 395 do CNE, e um piquete de Bombeiros Voluntários, prestaram guarda-de-honra ao hastear solene da bandeira nacional, nos Paços do Concelho.

Pelas 19 horas do mesmo dia, houve reunião geral do Grupo 52, para encerramento das actividades integradas nas comemorações do Dia Mundial do Escoteiro-1977, falando vários dirigentes, e terminando com o descerramento da fotografia do antigo membro do «52», Artur Moniz Silva, falecido há um ano, homenagem de iniciativa dos caminheiros.

Todas as actividades foram presididas pelo chefe do grupo, E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, e pelo chefe adjunto, Ludgero M. Moreira.

Finalmente e para encerrar as actividades, realizou-se um animado jogo nocturno, interpatrulhas, no qual tomaram parte, além de 3 patrulhas do Grupo 52, delegações de agrupamentos locais do C. N. E.

Fraternal dos Antigos Escoteiros

No dia 26 de Abril, realizou-se no salão de festas do Sport Clube Angrense, o 16.º jantar anual de convívio do núcleo da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Nele tomaram parte, além do delegado regional da Fraternal nos Açores, E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, os companheiros Eduardo F. Gomes da Silva, D. Maria Teresa O. G. Silva, António Deodato Ferreira, Aurélio Bettencourt Borges, Dr. Henrique H. Flores, D. Alvarina S. Flores, Dr. Henrique Brás, Valdemar Mota, Norberto B. Borba, D. Maria Manuela B. A. Ramos, Vítor Jorge P. Ramos, Ludgero M. Moreira e João O. P. Valentim.

A actividade decorreu na melhor compreensão e espírito escotista, tendo os companheiros presentes aproveitado o ensejo para animadas trocas de impressões.

A reunião foi iniciada com uma saudação por parte do delegado da F. A. E. P., que se referiu às actividades escotistas locais, comemorativas do Dia Mundial do Escoteiro-1977, e congratulou-se com os presentes por mais uma excelente oportunidade de conviver com os nossos companheiros, irmãos no Ideal e irmãos de facto, para que nunca nos esqueçamos que «Uma vez Escoteiro, sempre Escoteiro».

J. R. M. S.

No escotismo, penso que é muito importante lembrar o plano original, tal qual foi imaginado e dado ao mundo pelo meu marido. Embora sejam necessárias numerosas mudanças de programa, de atitude e de forma de pensar, é preciso absolutamente que mantenhamos, mesmo num mundo que se transforma, a essência do que foi fundado há tantos anos e que tem provado o seu valor durante todos eles. Como vós dizeis, vale a pena experimentar e é preciso fazer experiências, mas tendo o cuidado de não sacrificar nem a tradição, nem os princípios fundamentais, nem, evidentemente, o que é mais importante, todo o espírito do escotismo, o espírito de boa-vontade, o espírito dos grandes esforços e o espírito de suscitar entre os jovens o desejo de superar em todas as actividades que lhes são oferecidas pelos programas escoteiros.

Lady Baden-Powell

Realiza-se este ano o V Jambori Açoriano

A Junta Regional dos Açores do CNE promove este ano, de 4 a 11 de Agosto p. f., o V Jambori Açoriano, o qual é destinado aos membros da Fraternidade Escotista Mundial dos dois sexos.

O Jambori será erguido na Mata da Agualva, Quinta da Madalena, na ilha Terceira e tem por fim promover uma oportunidade de confraternização em clima de mútua amizade, assim como de dar ensejo à troca de experiências culturais e técnicas, viver a Lei do Escoteiro, jogar e competir dentro do verdadeiro espírito escotista e de dar aos visitantes uma panorâmica das belas ilhas atlânticas.

Os participantes (e até os seniores) serão divididos em patrulhas, com actividades em separado para cada uma das divisões.

Estão previstas algumas surpresas, como os «Jogos sem Fronteiras», «Rali Paper», «Pista de Obstáculos» e outros.

Pretende-se vulgarizar, durante os jogos de conselho, o uso de ponchos, isto é, uma vestimenta, género de capa quadrada, com vários emblemas escotistas cosidos.

Eis uma actividade que parece ser de grande interesse escotista.

O aniversário do «48» AEP, na Damaia (Lisboa)

O Grupo n.º 48 da Associação dos Escoteiros de Portugal, na Damaia, celebrou, nos passados dias 25 e 26 de Junho, a passagem do seu 2.º aniversário.

Do seu programa de festas salientamos o Fogo de Conselho, no sábado à noite, nos terrenos da sua futura sede, onde os escoteiros manifestaram a sua alegria, num convívio deveras interessante.

No dia seguinte, na igreja paroquial da Damaia, celebrou-se missa, seguida dos compromissos de lobitos, escoteiros e caminheiros.

Ainda no domingo, todos os escoteiros, familiares e amigos estiveram reunidos numa tarde-convívio, em que houve representações, cinema e a já tradicional merenda.

Presentes a esta comemoração, representações dos Grupos n.ºs 8 e 47, assim como de «Sempre Pronto».

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, fomos obrigados a retirar muitos dos textos que desejávamos publicar nesta edição de «Sempre Pronto», entre os quais a continuação do estudo «*A Água, Meio de Vida Essencial*».

Pedimos a compreensão dos nossos leitores.

ADEUS, «LADY» BADEN-POWELL

Continuação da pág. 1

assim de uma vida plena de realização uma das mulheres mais célebres dos tempos presentes.

Nascera Olave Saint Clair Soames em Chesterfield, no Derbyshire, em pleno coração da Inglaterra, no dia 22 de Fevereiro de 1889, isto é, no mesmo dia, mas 32 anos depois, em que nasceu B.-P., com quem haveria de contrair casamento. Era a terceira filha de Harold Soames e de Catherine Soames, um casal de boa linhagem.

Na infância, mostrava-se de saúde fraca, pelo que a família a confiou a preceptores de diversas nacionalidades, os quais a mantiveram, regra geral, em ambientes campesinos. A educação recebida havia de influir fortemente no seu espírito, motivo por que viria a alcançar sólida cultura e particular predilecção pela vida simples e do ar livre.

O encontro com B.-P,

A primeira vez que B.-P a viu, o acontecimento deixou-lhe indeléveis recordações, embora de forma quase imperceptível. Um dos seus biógrafos, M. E. Carter, narra desta maneira o curioso evento que remataria com o casamento dos dois protagonistas:

A história deste feliz casamento tem início com um caso de pura dedução da parte de B.-P. A cena passou-se numa rua de Londres. B.-P., sempre observador, entretinha-se a ver as pessoas que passavam, quando a sua atenção foi despertada pela figura de uma jovem que seguia acompanhada por um cachorro spaniel. Pisava o pavimento com firmeza, colocando o pé no chão sem o menor indício da hesitação que a maior parte das mulheres revela. A jovem era-lhe desconhecida por completo e só a viu de costas. Ficou convencido de que ela possuía raras qualidades de bom-senso e honestidade, além de forte espírito de aventura. B.-P. seguiu seu caminho e nunca mais pensou naquela jovem.

Passava-se isto nas proximidades do quartel de Knightsbridge, quando B.-P. servia na vida militar. Ao fazer o relato desta ocorrência, B.-P. fá-lo anteceder das seguintes considerações :

Ao estudar a arte de seguir uma pista, tinha-me exercitado em deduzir o carácter das pessoas pela forma como marchavam e pela impressão deixada pelas suas passadas. Os indígenas seguidores de pistas do mundo inteiro sabem ler o carácter, os actos ou as intenções daqueles de quem observam as pegadas: a ponta do pé inclinada para fora indica, por exemplo, um mentiroso; uma depressão na ponta exterior revela um espírito aventureiro, etc.

Nas minhas experiências, cheguei à conclusão de que quarenta e cinco por cento das mulheres são muito aventureiras de um dos pés, mas hesitantes do outro, portanto sujeitas a agir apenas por impulsos. Uma excepção a esta regra devia atrair, por conseguinte, a minha atenção.

Retomemos, contudo, o relato de M. E. Carte, agora a descrever uma viagem à volta do mundo que B.-P. empreendera:

Chegara a Southampton num dia quente e sombrio. Esperava-o no cais uma guarda-



À chegada ao aeroporto de Lisboa, na sua última visita ao nosso país (1960), *Lady* Baden-Powell recebe das mãos da saudosa Sr.ª D. Maria Luísa de Magahleãs Esteves Pereira, a mais antiga guia portuguesa, uma lembrança dos escoteiros portugueses

-de-honra de escoteiros da cidade. Como habitualmente, havia muita gente no convés do navio, observando as pessoas em terra. Entre esses observadores, encontrava-se miss Olave Saint Clair Soames, que, de pé, na companhia de seu pai, admirava o grupo de escoteiros, impecavelmente uniformizados e «claro, cheios da importância da sua missão, a despedirem-se do seu querido chefe».

Nesse mesmo dia, dava B.-P. uma volta pelo convés, quando, de repente, reconheceu, na maneira de andar e no porte daquela passageira, a jovem que um dia observara em Knightsbridge. Fez meia volta e seguiu na direcção oposta, a fim de ver de frente a insinuante passageira, cujas feições, inteligentes e cheias de vivacidade, acabariam por o encantar por completo. Não se passou muito tempo sem que chegassem à fala. Houve, então, a seguinte conversação, tal como conta B.-P.:

Ele: — *Vive em Londres, segundo creio.*

Ela: — *Não, moro em Dorset* (a pista não coincidia).

Ele: — *Mas não tem um spaniel castanho e branco?*

Ela: — *Pois é claro que tenho* (respondeu, mostrando certa curiosidade).

Ele: — *Mas nunca esteve em Londres, próximo do quartel de Knightsbridge?*

Ela: — *Sim, estive lá há dois anos.*

Então casámo-nos e, desde então, vivemos muito felizes.

E M. E. Carter continua:

Entre a concretização deste verdadeiro conto de fadas e esse diálogo, muitas outras coisas se passaram. Em carta dirigida à mãe, miss *Soames afirmava que* a única pessoa a bordo digna de interesse é o senhor Escoteiro. *B.-P. e Olave Soames eram constantes companheiros durante a viagem. Ele estava verdadeiramente fascinado com a jovialidade e encanto daquela jovem. Nos longos diálogos que travaram, verificou que os pontos de vista de ambos acerca da vida, bem como os seus caracteres, eram muito semelhantes. Qualquer deles possuía fortes convicções e ideais sobre o serviço do próximo, que combinavam perfeitamente com grandes qualidades de atracção.*

B.-P. estava encantado por ter encontrado quem possuía tão desenvolvido grau de senso de humor e de confiança no gozo das boas coisas da vida. E ela bem cedo confirmava que B.-P. era de facto a única nota digna de interesse da viagem. *E a bordo do magnífico paquete* Arcadian *havia certamente imensas coisas dignas de interesse!*

A viagem prosseguiu, sempre com renovados motivos de agrado. O jovem par tomava parte nos jogos de convés, atraindo a atenção de toda a gente, em virtude da graça e perícia que demonstravam. *Miss* Olave bem depressa descobriu que B.-P. era um cantor e actor de certo merecimento. Era chamado frequentemente para organizar festas e divertimentos a bordo. Olave tributava-lhe aplausos sinceros pelo hábil desempenho de B.-P. desses papéis. Da mesma forma, os sainetes do Chefe, bem como as excelentes aguarelas e cari-

Continua na pág. 4

ADEUS, «LADY» BADEN-POWELL

Continuação da pág 3

caturas dos passageiros que ele fazia, suscitavam-lhe admiração.

Em breve descobriram que a data do aniversário de ambos era a mesma. Estava encontrado outro vínculo entre eles. B.-P. mais tarde escreveria: *É de facto uma prova de inteligência da nossa parte o termos escolhido ambos o dia 22 de Fevereiro para aniversário, não é verdade? Asseguro-vos que há grande conveniência nisto e é tão agradável como se fôssemos gémeos.*

Embora o Chefe se tivesse comprometido com *miss* Soames durante a viagem, o noivado só foi tornado público após o regresso. O pai de Olave pedira um prazo para a realização do consórcio, dada a grande diferença de idade entre os noivos.

Quando o casamento foi finalmente anunciado, milhares e milhares de cartas



Em Sutton Park (1957), durante o Jambori do Jubileu, *Lady* Baden-Powell não esconde a alegria que lhe vai na alma por se ver rodeada das suas grandes famílias: a que é constituída pelos seus filhos e netos e a dos escoteiros e guias de todo o mundo.

e de lembranças choveram sobre os noivos. Todavia, a oferta que talvez mais lhes tenha agradado foi a do automóvel com um escoteiro de prata no *capot*, oferecido pelos escoteiros, graças à colecta de um dinheiro entre eles. Acerca desse excelente brinde dos escoteiros, dizia B.-P., numa carta, a Percy Everett:

Em referência ao presente de casamento: um automóvel interessa-me mais. Um automóvel em que eu e minha mulher possamos visitar os escoteiros em toda a parte, pois uma amável forma de retribuir a sua generosidade seria a de nos levar mais próximo deles no seu próprio carro. Se a quantia apurada não chegar para um carro novo, um em segunda mão seria actualmente muito bom e tão útil como se fosse novo. E seria uma grande ajuda para mim nas visitas aos escoteiros.

No entanto, foi um belo automóvel novo que o Fundador e sua mulher receberam dos escoteiros.

Contudo, a notícia do casamento nem por toda a gente foi saudada com júbilo. Percy Everett, grande amigo de B.-P., refere no seu livro *Os Primeiros Dez Anos:*

Um par de meses antes foi anunciado oficialmente o casamento com miss *Olave Soames. Foi autêntica surpresa para a maior parte dos amigos, recebida com o maior entusiasmo pelo Movimento.*

Mas entre os milhares de cartas com que o Chefe foi alvejado, uma houve que muito o divertiu. Dizia o seguinte: «Estou tremendamente desapontado consigo. Eu sempre dissera para comigo: como me sinto contente por o Chefe não ser casado, porque, se assim fosse, ele nunca teria descoberto estas coisas para os rapazes. Mas eis que você vai agora fazer uma coisa dessas. Era a última que esperava de você. Decerto que já não fará o mesmo com os escoteiros como fez até agora, visto que a sua mulher o há-de prender e tudo acabará por fracassar. Você é excessivamente egoísta».

O Chefe respondeu:

«É uma censura que me faz por eu ter tomado este compromisso. No entanto, posso garantir aos escoteiros que o meu correspondente está errado. Continuarei a trabalhar, tanto como até agora. A minha noiva está tão vivamente interessada pelo escotismo como eu próprio e deseja ajudar-me nesse trabalho. Assim o casamento em lugar de me afastar do Movimento, virá trazer-me uma colaboradora e alguém que gostará tanto dos escoteiros, como, estou certo, eles gostarão dela, assim tenham eles o ensejo de a conhecer».

E Everett comenta:

«Os que tiveram oportunidade de conhecer miss *Soames antes do casamento, não mostraram tais receios. Instintivamente ficaram convencidos de que ela se tornaria um incentivo poderoso para o movimento. Olhando para trás, até a este importante evento da vida do Chefe, podemos compreender o muito que, escoteiros e guias, ficaram a dever a esta feliz união.*

O prognóstico, podemos hoje confirmar, não foi de modo algum precipitado. De facto, não é possível imaginar que melhor colaboradora poderia B.-P. encontrar para a grande obra que legou à mocidade de todo o mundo. Essa grande auxiliar era efectivamente uma mulher que caminhava com firmeza e resolução nas intrincadas veredas da vida.

As bodas realizaram-se em 30 de Abril de 1912. No copo-de-água esteve presente o general Beyers, combatente da África do Sul. Muito aprouve a B.-P., em dado momento, ver Beyers erguer o cálix para *miss* Soames e, com um sorriso, exclamar: *«À mulher que prendeu o homem que nós nunca conseguimos apanhar!»*

Os noivos seguiram, depois, para umas férias no campo. Mas uma segunda lua-de-mel se realizaria, alguns meses depois, na Argélia. Aí visitaram as cidades mouriscas, e contactaram com o povo humilde, estudando a sua vida e costumes. Como ambos gostavam de acampar, partiram de seguida, em visita às montanhas e às regiões desertas.

Lady Baden-Powell descreve, com muita graça, esta experiência. O acampamento era erguido junto de regatos ou onde encontrassem um local bastante aprazível. Aí ficavam um ou dois dias, a explorar a região. Certa vez, encontraram uns rochedos onde havia uma cascata de águas quentes. Foi logo transformada em delicioso balneário. O Chefe apanhava alguns peixes, mas, além deles serem muito pequenos, tinham sabor desagradável. Aprenderam, também, a localizar e a desenterrar trufas, de excelente paladar e agradáveis complementos para os *ovos que já não eram muito frescos* e para o *pão que não era lá muito branco.*

Era uma vida perfeitamente natural a que o novel casal levava ali. Levantavam-se ao nascer do sol e deitavam-se logo que ele se punha. Todas as horas do dia eram agradáveis, mas aquela por que Olave tinha maior predilecção era a que se seguia ao jantar, em que, depois de tudo limpo e envergando trajes simples, descansavam à luz de um brilhante fogo de campo, após o que se metiam nos confortáveis sacos de dormir.

A Baden-Powell, este género de vida permitiu descobrir a boa escoteira que a sua mulher era. A tarefa favorita que ele executava era a de esfregar muito bem as caçarolas com areia e ervas e, quando estas estavam limpas, arranjar o campo e queimar os detritos.

Ficaram muito tristes quando, de repente, soou a hora de regressar.

Continua na pág. 6

PÁGINA DO ESCOTEIRO



UM JOGO DE VEZ EM QUANDO

O NÓ DO ESQUIMÓ



Os jogadores (componentes de uma Patrulha, ou mais) dispõem-se em círculo.

Cada jogador tem uma ponta de espia com 80 a 100 cm de comprimento.

A um sinal do coordenador do jogo (o G.-P. ou qualquer outro — é bom que todos, um de cada vez, se exercitem a coordenar jogos), cada jogador começa a fazer nós ao longo da sua espia, sem os apertar muito.

Ao fim de um pequeno intervalo, o coordenador apita (ou faz um sinal) e os jogadores passam a sua ponta de espia para o jogador do lado; esse continua a fazer nós na espia que recebe.

Segue o jogo, assim durante umas 3, 4 ou mais passagens de espia.

Então, e a um sinal do coordenador, é dada ordem de DESATAR; então há que ver quem consegue desatar, mais depressa os nós da espia com que ficou.

Entretanto o coordenador desloca-se para um outro ponto, distante uns metros (3 a 20 metros) para lá irem ter os jogadores à medida que concluem a tarefa de desatar.

NOTA — Os jogadores não devem partir do círculo enquanto não tiverem os nós todos desatados; se tal não fizerem, voltam atrás. A classificação será dada pela ordem de chegada, formando os jogadores em fila, atrás uns dos outros.

Finalidade do jogo: **Treinar na execução dos nós; quantos mais nós diferentes e complicados melhor. Treinar no desfazer de uma coisa sem destruir, exercitando a paciência e a perspicácia, o desfazer os nós e as complicações que os outros nos arranjam é um grande treino para a vida do homem adulto).**

A obediência às indicações do coordenador e à regra de não sair do círculo antes do último nó desatado é importante.

Se o coordenador se põe, no final, a uma certa distância do círculo, isso permitirá intermediar uma certa destreza física com uma corrida final, para mais depressa se chegar à meta.

A VOZ DO CHEFE

O sorriso do escoteiro

Já alguma vez tendes estudado os dez artigos da Lei do Escoteiro? Sim, sei que os haveis lido e recitado como uma lição na escola. Porém, não é isso que quero dizer. Verdadeiramente os haveis estudado? Quer dizer, haveis pensado cuidadosamente em os pôr em prática na vossa própria vida?

Creio realmente que todo o Escoteiro que o faz e que segue absolutamente a Lei do Escoteiro em seu trabalho diário e em seus jogos, não somente como rapaz, mas mais tarde ainda como homem, não pode deixar de ter êxito na vida.

Tomai como exemplo o Oitavo Artigo da Lei que diz: «O Escoteiro sorri e assobia». Esta parece uma lei muito ridícula, mas, se a puserdes em prática particularmente o sorriso, vereis que no perigo, no desgosto, na doença e ainda no caso de se cair num engano, se vos esforçais por sorrir, desaparecerá metade das dificuldades. O facto de sorrir faz-vos mais felizes, e faz também que os demais, ao ver a vossa cara sorridente, sejam também mais felizes. Quando tenhais de falar a um desconhecido, ainda que seja só para lhe perguntar um caminho, o vosso sorriso o predisporá logo a vosso favor. Posso dizer-vos: «Um sorriso é uma chave secreta que abre bem o coração». O vosso sorriso mostra que tendes dentro de vós um bom espírito, cheio de boa vontade e amizade.

Já vos tenho dito que para ser verdadeiramente um homem, um tipo de bem, é preciso ter corpo são e cérebro inteligente. Porém um assassino pode ter um e outro. Então é preciso ainda uma terceira coisa para fazer um homem de coração, que é: o bom espírito que mostrais em todas as empresas.

BADEN-POWELL

ESCOTISMO MISTO?

As pessoas democráticas e livres, enquanto não se deixam alienar por ideologias, constatam, sem margem para dúvidas, que as tentativas e os factos consumados de manipulação se multiplicam.

E haverá sempre os «bons», com responsabilidade delegada, que, em vez de tomarem atitudes de crítica serena e objectiva, para defesa da integridade do que lhes está confiado, se vão acobardando, se tornam coniventes a ponto de quererem cobrir com «nova legalidade» as situações de perversão da letra e do espírito das instituições.

Será o que se está a passar com o Escotismo?

Com efeito:

1. São conhecidas as experiências negativas do escotismo misto, já tentadas. Insiste-se para destruir o que ainda existe de positivo

2. Creio que são de promover a cooperação a vários níveis, dos movimentos afins e complementares, mas diferentes, dos Escoteiros e Guias.

3. Os Fundadores, experimentados e realistas, tiveram a intuição de que, para além das situações históricas, sociais e locais, o desabrochar equilibrado dos dois sexos exigia metodologias diferentes.

4. Ora os estudos de Psicologia não ideologizada confirmam o acerto dos Fundadores do Escotismo e do Guidismo. De facto os processos e ritmos evolutivos dos dois sexos, postulam ambientação e tratamento diferente da metodologia, nas diversas fases do seu desenvolvimento psicológico, para além dos comportamentos de ordem social cultural.

5. Os fantasistas e demagogos poderão fundar outra realidade diferente. Não parece que lhes assista o direito de abastardar ou preverter algo que não é sua propriedade — o escotismo. Para quando as atitudes minimamente sérias?...

fr. Bernardo, O. P.

ADEUS, «LADY» BADEN-POWELL

Continuação da pág. 4

Lady escreveu que os dois tinham tido óptimas férias. Não era de surpreender, portanto, que um dos amigos de B.-P. dissesse que o casamento do Chefe «*fora o seu maior rasgo de génio*» e que a canção preferida então por B.-P. fosse a intitulada *Passing By*, cuja primeira estância rezava assim:

Senhora tão bondosa e com tal graça,
Agradável o rosto e gentil porte,
Basta vê-la uma vez quando ela passa
P'ra logo a q'rer e amar até à morte.

Em 7 de Maio de 1913, realizou-se a cerimónia especial em que o Duque de Connaught, presidente da *Boy Scouts Association*, fez a entrega simbólica do automóvel oferecido pelos escoteiros ao casal B.-P., o qual, no entanto, só dez dias depois tomaria posse efectiva do valioso presente.

Um mês depois, ocorria um acontecimento que Percy Everett considera memorável: *Lady* Baden-Powell fazia a sua primeira aparição pública, em representação do marido, no Rali Escotista do Condado de Middlesex, em Harrow, para onde se deslocou no carro oferecido pelos escoteiros.

O Escotismo durante a Grande Guerra

Rebentou, entretanto, a guerra. Durante essa hecatombe que desabou sobre a Europa, os escoteiros e as guias haviam de demonstrar abundantemente o espírito de serviço, levando a cabo importantes missões e executando inestimáveis *serviços* nos seus países.

1914 marca a data em que *Lady* aderiu oficialmente ao guidismo. Em 1916, já era Comissária da região do Sussex. Neste cargo, mostraria ser boa organizadora, exercendo profunda influência nas reuniões de comissárias em que tomava parte. O encanto, perspicácia, simpatia e domínio das dificuldades que a nova Chefe demonstrava, maravilhavam as guias, as quais, ao deixarem as reuniões, sabiam exactamente o que se esperava delas e se dispunham a tomar as responsabilidades que lhes eram confiadas, repletas do espírito guidista.

Embora não abrandassem o ritmo da actividade, os dois chefes aguardavam o final das hostilidades para empreenderem viagens, durante as quais visitariam os movimentos escotista e guidista de todas as partes do mundo, inteirando-se do seu desenvolvimento e estimulando a sua prática.

A desejada paz veio quando o ano de 1918 declinava. Olave Baden-Powell já assumira, então, o cargo de Chefe-Guia. Nessa altura, a família estava muito enriquecida. Pedro, o primogénito, nascera exactamente um ano após o casamento: em 30 de Abril de 1913; Heather *chegara* em 1 de Junho de 1915 e Betty, a mais nova, em 16 de Abril de 1917.

Outro feliz acontecimento: a família B.-P. mudou-se para o Hampshire, para uma casa a que o Chefe deu o nome de *Pax Hill* — o Monte da Paz —, a qual passaria a ser visitada por enorme multidão de amigos, vindos de todas as partes do mundo, atraídos pelo encanto desse lar. Todos se congratulavam com o acolhimento recebido, com o calor humano de que ali se gozava. *Pax Hill* foi enriquecida graças ao bom gosto de B.-P., que executou vários trabalhos de escultura e pintura, e a um considerável conjunto de objectos e móveis de arte que Olave entretanto herdara de seu pai. Os visitantes eram ali recebidos amigavelmente e sem quaisquer formalismos. Muitos deles iam ajudar B.-P. nos trabalhos no jardim, visto que o Chefe era um apaixonado por essas actividades.

A expansão do Escotismo e do Guidismo

Seguiu-se extenso período em que os dois Chefes percorreram os vários continentes, sendo em toda a parte aclamados pela juventude, atraída pelos encantos dos novos movimentos, pelas grandes concentrações de jovens, pelos ideais que ali eram proclamados, pelos grandes acampamentos e pelo fascínio da vida aventurosa do ar livre. A obra de B.-P. tornava-se, de dia para dia, uma realidade, cada vez mais evidente e *Lady* Baden-Poell provava a cada momento ser a colaboradora ideal para o engrandecimento e consolidação da empresa a que seu marido metera ombros.

O Jambori Mundial de 1929, apelidado o *Jambori da Maioridade*, que teve por palco Arrowe Park, perto de Birkenhead, foi mais um acontecimento que provou a vitalidade do movimento. Ali se reuniram jovens de todo o mundo, de várias raças e religiões, cujo entendimento demonstrou a viabilidade dos ideais escotistas. Multidões acorriam diariamente ao acampamento para verem pessoalmente a realidade escotista.

O casal B.-P. não pôde esconder a enorme gratidão pelas ofertas que os escoteiros lhes fizeram. A juventude contribuiu, para isso, apenas com um dinheiro, graças a uma sugestão dos escoteiros dinamarqueses. Daí a oferta de um soberbo *Rolls Royce* — a que o Chefe imediatamente chamou *Jam Roll* — a mais afamada marca de automóveis do mundo, de uma caravana, do retrato de B.-P., executado por célebre pintor, e dum cheque, brindes esses que exprimiam *a admiração e o afecto dos escoteiros de todo o mundo.*

Um escoteiro ofereceu ainda outro estranho presente: um magnífico par de suspensórios! Eis a razão dessa invulgar lembrança: tinham perguntado a *Lady* Baden-Powell se acharia bem que procurasse saber se o Chefe gostaria de receber uma lembrança. Ela fez a pergunta ao marido, que disse que não queria nada. Mas Olave redarguiu: «*Mas com certeza que gostarias dalguma coisa*». E B.-P. respondeu simplesmente, talvez com ironia, que sim, que precisava de uns suspensórios porque os que tinha estavam velhos. Pois bem: B.-P. teria suspensórios novos!

Cada vez, o casal B.-P. se tornava mais popular e querido da mocidade de todo o mundo. Olave era de um entusiasmo desbordante por ambos movimentos, a que prestava um concurso de grande valor e empenho. Não admirou, por isso, que em 1931 fosse solenemente proclamada Guia Chefe Mundial. Era a consagração dos seus esforços e amor ao movimento.

Veio 1934 e a saúde de B.-P. começou a dar motivo de fortes preocupações, não só à família, como também aos escoteiros e guias de todo o mundo. A vida do velho Chefe correu sérios riscos após uma intervenção cirúrgica a que teve de se submeter. A recuperação foi, contudo, fazendo-se e lentamente B.-P. reassumiu as suas actividades, com o júbilo de toda a grande família escotista. Quando se sentiu bastante melhor, B.-P. empreendeu, com sua mulher, um cruzeiro pelo Mediterrâneo, a bordo do *Adriatic*, acompanhado de dirigentes escotistas e guidistas. Nos portos em que tocava, como o Chefe não estivesse ainda em condições de desembarcar, foi a vez de *Lady* o substituir nas visitas aos escoteiros e guias e nas recepções oficiais, funções de que a Guia Chefe se desempenhou admiravelmente. Foi durante esta histórica viagem que Olave Baden-Powell visitou Lisboa pela segunda vez visto que também acompanhara seu marido quando este visitara a nossa Capital em 1929, embora a sua passagem por Lisboa não tivesse tido então grande relevo.

Seria esta a última vez que B.-P. visitaria os escoteiros portugueses. Muitos dos nossos companheiros ainda recordam vivamente a presença de *Lady* Baden-Powell em Lisboa, onde percorreu a cidade e os arredores e contactou com diversas entidades oficiais ou ligadas ao movimento escotista. Foi também recebida pelo ministro da Instrução Pública, pelo Cardeal-

Continua na pág 7

ADEUS, «LADY» BADEN-POWELL

Continuação da pág. 6

-Patriarca e pelo presidente da Câmara de Lisboa. Foi da varanda dos Paços do Concelho que a Chefe Guia assistiu ao desfile das guias e escoteiros portugueses. *Lady* Baden-Powell exprimiu grande satisfação por esta visita e pelo garbo dos escoteiros e guias, a quem desejou os maiores êxitos.

A insinuante simpatia que em todos deixou bem firmada, a expressão de um carácter vincadamente definido, bem como o elegante recorte da sua personagem, não permitiram que subsistissem quaisquer dúvidas, em todos quantos tiveram o privilégio de com ela contactar ou, pelo menos, de a ver, de que *Lady* Baden-Powell era de facto a mulher fadada para apoiar e secundar um grande homem como foi o Fundador do Escotismo.

O ano de 1937 foi assinalado por dois importantes acontecimentos na vida do casal Baden-Powell. O primeiro, foi o Jambori de Vogelenzang, na Holanda, o último em que *Lady* Baden-Powell esteve com o marido.

O Fundador teve a percepção de que o seu fim estava próximo. Quando pronunciou o seu discurso, o último num jambori, todos compreenderam que a sua vida chegava ao fim, em especial quando ele afirmou: «*Tenho 81 anos e a minha vida aproxima-se do fim. A maior parte de vocês está a começá-la. Desejo a todos felicidades e muitos êxitos. Vocês conseguirão isso se fizerem o possível para pôr em prática diariamente a Lei do Escoteiro, qualquer que seja a condição social ou o lugar onde se encontrarem*».

E terminou o discurso com estas palavras que os escoteiros, presentes ou ausentes, guardaram no coração: «*É necessário seguir os dez artigos da Lei, como guia da vida de cada um de vocês. Isso lhes fará lembrar também as amizades que aqui estabeleceram, contribuindo assim para a vinda de um reino divino de paz e de boa-vontade. E agora, adeus! Que Deus abençoe a todos*».

No mês de Setembro, os dois chefes acamparam em Gilwell, por ocasião da reunião anual dos escoteiros-chefes. Para tal, utilizaram a caravana que os escoteiros lhes ofereceram no Jambori de 1929. Foi a última reunião em Gilwell em que B.-P. tomou parte. Sabendo-se como este acontecimento lhe era querido que só não comparecia quando lhe era, de todo em todo, impossível, pode-se considerar este evento como dos mais significativos para *Lady* Baden-Powell.

No final, B.-P. afirmaria: «*Foi uma grande reunião de todos nós. Ficará para sempre na minha lembrança*».

Os últimos dias de B.-P.

Apesar da idade, B.-P. ainda tinha muitos projectos que desejava a todo o custo concretizar. Assim, veio o Outono, e o Fundador resolve visitar a África do Sul, a fim de verificar como o movimento se estava desenvolvendo aí. B.-P., acompanhado de Olave, deixa a Inglaterra, aonde não mais havia de voltar.

Bem depressa as forças o abandonavam, motivo por que o casal resolve parar no Quénia, onde ambos esperavam descansar durante o Inverno. Mas tanto os encantou a região de Nieri que resolveram fazer aí uma vivenda, a que deram o nome de *Paxtu*, como lembrança de *Pax Hill*, a casa que possuíam no Hampshire, e talvez por ser uma casa só para dois (*two* em inglês). Foi nesse ambiente de calma, mas de forma alguma sedentária, que B.-P. viveu os últimos anos. Nessa África que ele tanto amou, contemplando os picos gelados do monte Quénia, aí o Fundador encontraria o ensejo para explorar a selva, observar os animais, pintar e desenhar, escrever cartas e os últimos livros, numa demonstração de que, nem os anos, nem a doença o poderiam lançar na inactividade. A seu lado, sempre fiel, sempre a mais activa colaboradora, sempre a enfermeira dedicada e a companheira de todas as horas, lá estava Olave Baden-Powell, infatigável e imperturbável no caminho que escolhera.

Decorria, assim, a vida dos dois esposos no maior entendimento. Num livro de B.-P., *Lições Sobre a Universalidade da Vida*, dedicado «*àquela que me trouxe o êxito — isto é, a FELICIDADE, a minha Mulher*», o Chefe diria no último capítulo:

«*Ela senta-se a meu lado, no silêncio da camaradagem, partilhando nesse entardecer o mesmo tecto — e a alegria que disso nasce.*

«*Por uma janela entra o alegre vozear dos mais novos, que se dirigem para suas casas.*

«*O seu dia de amanhã chegará.*

«*Que sejam todos tão felizes como eu tenho sido. Que Deus os abençoe.*

«*E para mim chegará em breve o tempo de repouso. Então, direi: Boa noite.*»

E chegou, por fim, o dia 8 de Janeiro de 1941, em que o Fundador acabava essa carreira extraordinária que havia de influenciar profundamente a juventude. Era uma vida que terminava, mas não era certamente o fim de uma obra, visto que os seus discípulos, entre os quais se contava a fiel companheira da última fase da sua existência, haviam de a continuar, convencidos, como estavam, do valor dos objectivos do movimento que tinham abraçado.



Ainda no Jambori do Jubileu: *Lady* Baden-Powell e seu filho primogénito Lorde Peter Baden-Powell. Duas saudades do escotismo e guidismo.

O Escotismo e o Guidismo após a Guerra Mundial

Não se deixou *Lady* Baden-Powell abater por este infausto acontecimento. Em breve, ela retomaria a actividade, empunhando o facho de esperança que de seu marido recebera.

Com o fim da Guerra Mundial, Olave Baden-Powell tem a perfeita consciência do que é necessário fazer: recuperar o escotismo nos países que a guerra e a cupidez humana destroçaram. Em 22 de

Continua na pág. 8

ADEUS, «LADY» BADEN-POWELL

Continuação da pág. 7

Abril de 1945, data histórica do guidismo e do escotismo, *Lady* assiste em Paris a um grandioso desfile de escoteiros e guias daquela região. Eram mais de 35 000 a provar que os dois movimentos tinham sobrevivido ao flagelo nazi. Pouco tempo depois, a Guia Chefe toma parte, em Caen, a cidade-mártir daquela guerra cruenta, num fogo de conselho que tem o dantesco cenário de uma cidade destroçada. Era a semente que havia de germinar com as mais acalentadoras esperanças. Visita também outros países mártires, como a Bélgica, o Luxemburgo, a Holanda, a Itália, onde leva o fermento do seu indomável entusiasmo para a obra de reconstrução que era necessário empreender.

E os frutos não demoram a aparecer: em 1947, perto de Paris, a decisiva demonstração do ressurgimento escotista dá o sinal: cerca de 25000 jovens de todos os países do mundo reúnem-se numa verdadeira festa do entendimento — o Jambori da Paz — que marca a difinitiva vitória do movimento. Nessa altura, já *Lady* Baden-Powell retomara a infatigável carreira de verdadeira *globe-trotter* do escotismo e do guidismo, levando a toda a parte o estímulo do seu entusiasmo e o exemplo da sua convicção.

Embora não estivesse presente no Jambori da Paz, por ir, nessa altura, em viagem para a Austrália, Olave Baden-Powell não faltou, porém, ao Jambori de Salzburgo, que se realizaria quatro anos depois. Mais uma vez, é alvo das provas de amizade dos jovens de todo o mundo.

Torna-se num verdadeiro apóstolo do guidismo e do escotismo, graças à obra de apoio que empreende em todos os lugares onde os dois movimentos tinham deitado raízes. Em todos os continentes a sua presença é assinalada, sempre recebida com afabilidade, sempre aceite como aquela pessoa que tem jus a ser a eleita de uma alma nobre como a de Lorde Baden-Powell.

E veio depois a celebração do Jubileu do Escotismo. Em 1957, em Sutton Park, perto de Birmingham, no centro da Inglaterra, realiza-se o grande Jambori, o JIM, onde se encontram perto de 30 000 jovens de todo o mundo. Aí vemos *Lady* Baden-Powell, orgulhosa da companhia de seus filhos e netos, a receber fraternais homenagens de todos quantos ali se encontravam. Na cerimónia de encerramento desse maravilhoso acampamento, a Chefe Mundial dedicaria a todos os escoteiros o seu célebre discurso sob o tema *O fim é somente o princípio*. Mais uma vez, o lugar de B.-P. tinha estado dignamente ocupado.

Decorridos quase três anos, um acontecimento de grande importância para as guias e escoteiros portugueses: a visita a Portugal de *Lady* Baden-Powell, que decorreria entre 5 e 16 de Fevereiro de 1960. À chegada ao aeroporto da Encarnação, um numeroso grupo de guias, escoteiros e antigos escoteiros e guias aguardava a querida visitante. A mais antiga guia portuguesa, a saudosa sr.ª D. Maria Luísa de Magalhães Esteves Pereira, entregou-lhe, em nome da Fraternal, um par de lindos bonecos com trajos regionais, e as Guias de Portugal, uma cestinha de frutas cristalizadas.

Enquanto durou a estadia de Olave Baden-Powell, foram realizadas diversas cerimónias em honra da ilustre visitante. O Corpo Nacional de Escutas distinguiu-a com o Colar de Nun'Álvares e, dias depois, os Escoteiros de Portugal entregavam-lhe a Lis de Prata, as mais altas condecorações das duas associações.

Porém, outro rude golpe seria desferido sobre esta intrépida mulher. Em 10 de Dezembro de 1962, seu filho Peter, que era a imagem viva do pai, falecia. Foi uma ferida profunda que, contudo, não conseguiu abater o ânimo dessa mulher, que possuía aquele espírito de determinação que não enganara a B.-P., quando um dia a entreviu em Knightsbridge. Em breve Olave estava de volta à sua faina, transbordante de energia e entusiasmo. Em 1963, visitou o Jambori da Grécia.

A sua maneira de ser continuava inalterável, tanto assim que, ao aproximar-se o dia do 80.º aniversário, *Lady* B.-P. podia afirmar com convicção: «*Neste momento, a principal paixão da minha vida é o Escotismo e o Guidismo*». Que melhor colaboradora poderia o Fundador ter encontrado?

O dia desse aniversário de *Lady* Baden-Powell foi comemorado pelas guias e escoteiros de todo o mundo, através da realização de um esforço especial em prol do desenvolvimento do guidismo e do escotismo. Foi um dia que trouxe muita satisfação à Guia Chefe Mundial.

Nesse mesmo ano, Olave assistiu pela última vez à Conferência Mundial das Guias, que se realizou na Finlândia. Mas o peso dos anos não a fazia afrouxar na actividade em que estava envolvida. Logo no início de 1970 faz uma demorada viagem à África do Sul, onde é recebida carinhosamente em toda a parte.

E as demonstrações de apreço pela grande dama do escotismo e guidismo mundiais não cessam. A Secretaria Mundial do Escotismo adquire um busto da *Lady* da autoria do escultor David Wynne.

Em 1972, a Guia Chefe dirige-se às guias e escoteiros do mundo para os prevenir de que não deviam enviar-lhe cartões de boas festas como o faziam habitualmente. «*O fardo é demasiado pesado para mim, tanto sob o aspecto financeiro, como sob o físico*». E convidava os seus amáveis correspondentes a entregarem os valores que gastariam com esses cartões ao Fundo Escotista Universal ou ao Fundo do *Thinking Day*. E terminava assim: «*Sei que vós, sem ser necessário que o expressis, me desejais felicidades, porque nós somos solidários uns dos outros nesta fraternidade do escotismo e do guidismo. Amo-vos e vós também me amais*».

Outra prova de carinho foi dada por um célebre floricultor inglês, Harry Wheatcroft, o qual criou uma nova espécie de rosas que denominou «Olave Baden-Powell», logo posta à venda exclusivamente pela *The Girl Guides Association*.

Uma homenagem de alto significado foi a inclusão do nome de Olave Baden-Powell entre as mulheres célebres contemporâneas, com a gravação de uma medalha da série Ceres com a efígie da velha senhora. A inscrição, «*Pró alimentação, educação e emprego para todos*», fazia alusão aos objectivos e ideais das duas entidades envolvidas na homenagem, o Guidismo e a FAO, esta a promotora da homenagem.

O fim é somente o princípio

Mas a marcha do tempo é imparável e embora o robusto ânimo da *Lady* lutasse contra os seus efeitos, a verdade é que não poderia subtrair-se às suas danosas consequências. Assim, não se estranhou que ao completar os 84 anos, Olave confidenciasse a um jornalista:

— «*Chegou a altura de abrandar o andamento. Vou deixar de participar nas reuniões de dirigentes. Enquanto puder ser dalguma utilidade para o movimento, acho que é aquilo que realmente vale a pena neste mundo. Mas apetece-me chegar ao fim e poder ir para junto de Robin*».

Ainda no ano passado assistiria, porém, à 50.ª reunião do Gilwell Park. Apesar de cansada e doente, ali estava a velha senhora, deslocando-se numa cadeira de rodas, acompanhada pelas duas filhas e por seu neto, Robert, o actual Lorde Baden-Powell.

Foi uma jornada de grande alegria para Olave, esta a da sua despedida do velho parque escotista, de tantas e tantas recordações para ela. Todos a escutaram, embevecidos, a narrar a história de Gilwell, deliciando-se com o tom vibrante e afectuoso que sempre imprimia às palavras. Mais uma vez apontou a necessidade do escotismo, movimento sempre actual para o serviço da juventude de todo o mundo e da sociedade contemporânea. Olave passou esse dia a visitar as várias exposições escotistas e a receber cumprimentos de dezenas e dezenas de dirigentes que ostentavam a insígnia de madeira.

Continua na pág 11

O Movimento das «ACMs» em expansão

Foi fundada a ACM do Funchal

A cidade do Funchal era tradição do Movimento Acemista. Temos notícia de que em 1908 já ali existia uma associação que fora fundada por Belarmino Alberto Ferreira, um dos fundadores da ACM de Lisboa. Pois a Madeira voltou a possuir uma activa ACM.

Recentemente, realizou-se ali a assembleia geral, tendo sido eleitos os Corpos Gerentes da associação, que têm um vasto programa de importantes realizações para a ilha da Madeira, de que esperamos poder dar notícia.

A ACM de Lisboa

Também a ACM de Lisboa efectuou recentemente a sua assembleia geral para eleição dos Corpos Gerentes, depois de outra que alterou os Estatutos. A associação termina assim um período de excepção em que era gerida por uma comissão administrativa. São os seguintes os actuais dirigentes:

ASSEMBLEIA GERAL

Júlio Pais Conde
Mário Ferreira Neves
Mário Pascoal

DIRECÇÃO

Manuel António Figueira Alves
Saul Abreu Bastos
António Carlos Anjos Madeira
Horácio Pinto da Silva
Armando Martins Santos Filipe

CONSELHO FISCAL

Natalina Rufino de Matos Pascoal
Manuel Pires Valente
Eduardo Ribeiro

JUNTA PATRIMONIAL

Francisco Busca
Armando Viçoso
Pio Artur Neves de Azevedo
Fernando Lima Ventura
Álvaro Guilherme Coelho Marques
Rúben Viana Fernandes
José Eduardo Pena Ribeiro
Maria Helena Lima Baptista Brás
José Manuel Semide

Já remeteu o valor da sua assinatura a «Sempre Pronto»?

Campanha de assinaturas

Trinta e cinco novos assinantes em pouco mais de um mês!

A Campanha prossegue com assinalável êxito! Depois das 20 assinaturas registadas no último número, mais 15 chegaram.

O Dirigente José Manuel Madeira envia-nos as assinaturas dos amigos Paulo Alexandre Assis, Filipe Berge de Avelar, Daniel Borges e José António Serro, acompanhando a sua boa colaboração com estas significativas palavras: «É com muita amizade que vos escrevo, pois vendo a crise que o SEMPRE PRONTO tem passado, ainda conseguis que ele sobreviva». Obrigado, Companheiro, e esteja certo que prosseguiremos enquanto os Leitores quiserem.

O Grupo 91 (AEP) de Gaia, manda-nos duas assinaturas de patrocínio: srs. Manuel Orlando Teixeira Martins e António Monteiro Barros Lima. Trata-se da primeira colaboração do Norte nesta Campanha, que estamos certos irá continuar apoiada pelos numerosos agrupamentos daquela região.

Directamente inscreveram-se como assinantes os seguintes nossos amigos: srs. José Filipe Pinto, José António Pereira, José Reinaldo Soares Pinto, João Manuel C. Gonçalves, Georges Conceição, Paulo Pires, Joaquim da Silveira, D. Pansy Ferreira e Bernardino do Vale Estêvão, este proposto pelo nosso dedicado assinante de Olhão, escoteiro João Pedro Cocco Ferro.

Eis uma Campanha em marcha! Quem colabora?

Cerimónia religiosa em memória de «Lady» Baden-Powell

Por iniciativa da Associação das Guias de Portugal, realizou-se no dia 8 de Julho passado, na Igreja de S. Vicente de Fora, em Lisboa, uma cerimónia religiosa em memória da Chefe Mundial do Guidismo, *Lady* Olave Baden-Powell.

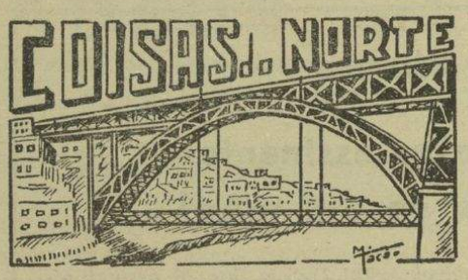
Esta cerimónia, muito concorrida, teve a presença do Dr. Sousa Dias, da Junta Nacional do CNE, de representantes da Fraternal dos Antigos Escoteiros e das dirigentes da Associação das Guias de Portugal, à excepção da sr.ª Condessa de Estarreja, ausente no Brasil. Um numeroso grupo de garbosas e disciplinadas guias e avezinhas, que cooperaram activamente nas celebrações, assim como de escoteiros, emprestaram à reunião um cunho muito agradável.

Foi oficiante o Rev. P.e Vítor Feitor Pinto, assistente nacional religioso da Associação, coadjuvado pelos Rev. P.e Esteves, assistente religioso da 12.ª Companhia e Rev. P.e Manuel Augusto.

No exórdio, o Rev. Feitor Pinto referiu os motivos que ali reunia aquele povo, que era o de prestar homenagem à memória de *Lady* Baden-Powell, uma mulher que cria na vida eterna tal como nós queremos, do que a sua última mensagem dava provas concludentes.

Depois da leitura das Escrituras e da mensagem que Olave Baden-Powell dedicara a todos os amigos do guidismo e do escotismo, o Rev. Feitor Pinto, na homilia que se seguiu, fez uma análise das palavras da Chefe Guia Mundial, sublinhando os aspectos mais salientes: a confiança em Deus que a ilustre senhora manifestava nas suas palavras; a promessa de servir até para além da morte (*«continuaremos a preocupar-nos com os vossos progressos»*); o convite a permanecermos fiéis à Promessa e à Lei. Afirmou que Olave Baden-Powell era uma mulher de fé, visto que apostara toda a sua vida em Deus e o acto de fé traz consigo o acto de serviço. E *Lady* Baden-Powell serviu sempre, até para além da morte. E referindo-se ao interesse que Olave mostrara por aqueles que estavam ao seu lado no guidismo e no escotismo, perguntou ao auditório se cada um dos presentes também estão velando por aqueles que estão a seu lado, pelos pobres, pelos oprimidos, pelos companheiros, familiares e pecadores. Convidou todos a arriscarem no grande jogo da vida. E terminou, afirmando que só é possível entrar nesse grande jogo, se vivermos em espírito de entrega na alegria, na amizade, na esperança, na comunhão.

E no meio de cânticos de louvor e após a Comunhão, terminou esta cerimónia de bom nível espiritual e guidista.



Pelos Grupos

Grupo 38 — No dia 2 de Maio, realizou-se o compromisso de honra de diversos escoteiros. Estiveram presentes o presidente e chefe regional da Direcção Regional do Norte e uma companhia de guias.

Grupo 43 — Também neste grupo se realizou, no dia 29 de Maio, uma festa escotista, na qual participaram as Guias de Portugal. Houve compromisso de honra de novos escoteiros e promessa de lobitos.

Grupo 33 — No dia 4 de Junho, este Grupo promoveu um passeio fluvial até Avintes, onde se prestaram provas de actividades natatórias.

Núcleo de Braga

A fim de se aproveitarem os dias feriados de 9 e 10 de Junho com o fim-de-semana de 11 e 12, realizou este Núcleo um acampamento regional, em que estiveram presentes cerca de uma centena de escoteiros dos grupos n.os 4, 25, 43, 53 e 91.

Este acampamento, que teve lugar na freguesia da Torre, Soutelo, Braga, iniciou-se na quinta-feira, dia 9, pelo içar das bandeiras nacional e dos grupos presentes, seguido de uma alocução do chefe regional, sr. Arnaldo Couto, que invocou os dez artigos da nossa Lei, no que foi secundado pelo sr. dr. Fernando Mateus, chefe do Núcleo de Braga, que fez uma alocução acerca do Compromisso de Honra.

Apesar do mau tempo, que prejudicou a realização de algumas actividades, nem por isso os escoteiros perderam ânimo e tudo se concretizou conforme estava previsto. É digna de maior relevo a prova de orientação, programada pelo Sr. Coronel Ugando, na qual os guias de patrulha eram os dirigentes dos grupos englobando escoteiros de todas as idades e aquelás, à excepção de lobitos, em que, para realizarem a prova, tinham de percorrer cerca de 30 km.

Depois de quatro dias passados em constante actividade e fraternidade, onde não faltaram desportos e a boa camaradagem, foi o acampamento encerrado, no dia 12 à tarde, com canções, entre as quais o *Adeus*, hino da A. E. P., e o hino nacional. — *N. P.*

As ACMs como factor de progresso em Portugal

A difusão do Esperanto

A primeira Associação Cristã da Mocidade foi fundada em Portugal, na cidade do Porto, em 1894, logo em 1896 se fundou a ACM de Lisboa. Só em 1918 veio a surgir a ACM de Coimbra, que então se designou por Associação Cristã de Estudantes — ACE.

A existência das ACMs em Portugal foi factor de progresso. Muitas iniciativas das Associações serviram a cultura em todos os seus aspectos. A ACM foi pioneira em Portugal de diversas modalidades desportivas, como o Basquetebol, o Ténis de Mesa, o «Badminton», o Voleibol.

O Escotismo foi introduzido em Portugal pela ACM de Lisboa, cujo Grupo recebeu o n.º 1 e foi, incontestavelmente, uma das mais importantes unidades dos Escoteiros de Portugal.

Outro movimento que recebeu forte impulso da ACM foi o Esperanto. Em Janeiro de 1907, Rodolfo Horner, cidadão suíço, que foi enviado a Portugal pela Aliança das ACMs para aqui apoiar as ACMs como secretário-geral, fez três conferências na ACM de Lisboa como objectivo de divulgar a língua internacional genialmente concebida pelo Dr. Zamenhof. Teve muito êxito esta iniciativa de Horner, pelo que imediatamente promoveu um curso de esperanto, de que foi professor o próprio Horner, que era cônsul de turismo da Universala Esperanto Associo.

Durante uma destas sessões, o cônsul-geral dos Estados Unidos anunciou a oferta de dez mil réis ouro como prémio para o aluno melhor classificado. Em 31 de Maio seguinte, logo se realizou uma festa para encerramento do primeiro curso e entrega dos prémios.

Foi a seguinte a classificação: Eduardo A. dos Santos, 1.º; Delphim C. Peru, 2.º; Luciano Silva, 3.º; António R. Moderno Jr., 4.º Faz portanto 70 anos que se realizou em Portugal o primeiro curso de esperanto. A ACM de Lisboa promoveu outros cursos e foi na sequência destes que, em 1913, Saldanha Carreira faria a sua iniciação no Esperanto, do qual viria a ser grande divulgador, tornando-se um esperantista brilhante, distinguido tanto em Portugal como no estrangeiro, apesar das contingências difíceis com que teve de lutar no nosso país.

O estimado assinante vive na Província?

— Então faça o favor de nos remeter o valor da sua assinatura em cheque, vale de correio ou selos postais.

ANTIGOS ESCOTEIROS 1950

O Conselho Nacional da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal elegeu novos corpos gerentes

No dia 14 do corrente mês de Julho, reuniu na sua sede o Conselho Nacional da nossa Fraternal.

Presidiu aos trabalhos, na ausência dos titulares, o companheiro António Xavier de Brito, que convidou para o secretariarem Joel Ribeiro e João Henrique Pereira Soares.

Antes de se entrar na ordem do dia, falou o companheiro Dr. Eugénio Henrique Ramos, que presidiu à direcção cessante, o qual aproveitou a sua intervenção para sensibilizar os futuros dirigentes quanto a alguns problemas que considera urgente resolver, tais como a alteração do regulamento, o aumento de quotas e nomeação como sócio honorário da organização de antigos escoteiros do Brasil.

Entrando-se na ordem dos trabalhos, foi guardado um minuto de silêncio pelos nossos companheiros falecidos durante o exercício e da chefe Mundial dos Escoteiros, *Lady* Baden-Powell, após o que o relatório e contas da direcção e o relatório do conselho fiscal foram aprovados por unanimidade.

A seguir, entrou-se no segundo ponto dos trabalhos com a eleição dos corpos gerentes para o biénio de 1977-78. O presidente da Mesa leu a única lista, apresentada pela direcção cessante, após o que a assistência a aprovou por unanimidade, pelo que os elementos que a constituíam foram considerados eleitos.

Essa lista é a seguinte:

Conselho Nacional:

Presidente: Contra-almirante Daniel Duarte Silva;
1.º Vice-Presidente: Albano da Silva;
2.º Vice-Presidente: Humberto Martins;
1.º Secretário: António Xavier de Brito;
2.º Secretário: Dr. Eugénio H. Ramos.

Direcção:

Presidente: Eng.º José Maria Nobre Santos;
Vice-Presidente: José Ferreira Amaro;
1.º Secretário: Miguel da Silva Martins;
2.º Secretário: Duarte Gil de Mendonça;
1.º Vogal: Eduardo Xavier;
2.º Vogal: Fausto Júlio Sacadura.

Conselho Fiscal:

Presidente: Amílcar dos Santos Fernandes;
Secretário: Manuel Tacão Monteiro;
Relator: João Henrique Pereira Soares.

A tomada de posse vai ser anunciada.

ADEUS, «LADY» BADEN-POWELL

Continuação da pág. 9

Foi esta a derradeira presença de *Lady* num acontecimento escotista, pelo menos de que tenhamos conhecimento. O fim aproximava-se lentamente e em breve chegaria o momento em que o pano desceria sobre essa portentosa existência. Assim sucedeu à meia-noite do dia 25 de Junho. Serenamente, durante o sono, *Lady Olave* Baden-Powell tinha deixado de viver.

O epílogo dessa vida admirável foi a cerimónia de cremação dos seus restos mortais, com a presença das pessoas mais íntimas. As suas cinzas seriam depois enviadas de avião para Nieri, no Quénia, a fim de serem depositadas no túmulo de seu marido.

Agora que a grande senhora do escotismo e do guidismo nos deixou, é a altura de repetir as palavras que lhes ouvimos proferir no Jambori do Jubileu: «*Podemos recordar que, no tempo em que este parque foi fundado, uma infeliz rainha teve corajosa atitude em face da morte. Tendo fé na graça de Deus e certa de que Ele lhe daria nova vida na Eternidade, ela afirmou: O MEU FIM É SOMENTE O MEU PRINCÍPIO.*

«*Penso que melhor mensagem não vos poderia dar deste alegre Jambori que aquelas mesmas palavras: o fim é somente o princípio. O fim deste Jambori será o princípio de um novo esforço por toda a parte. O vosso Fundador foi um dos homens mais felizes porque conheceu a grande verdade de que a felicidade se obtém, não porque a recebamos, mas, sim, porque a DAMOS e DISTRIBUÍMOS.*

«*Não tinha necessidade de vos dizer isto, porque vós ofereceis o melhor que há em vós. Por isso, quando chegar o momento de partirdes deste mundo, podereis também dizer: O FIM FOI SOMENTE O PRINCÍPIO!*».

Ernesto Clímaco do Nascimento

Este nosso estimado companheiro de trabalho em «Sempre Pronto», que no departamento de Administração nos prestou até há pouco relevantes serviços, acaba de mudar de sector. A partir de agora, passa a fazer parte da equipa de Redacção e a ocupar-se particularmente das relações com Grupos de Escoteiros, de Escutas ou Guias de Portugal, na Região Centro (Lisboa e Arredores).

Este nosso camarada tem estado retido em casa, por doença. Aproveitamos o ensejo para lhe desejar rápidas e completas melhoras.

A última mensagem de «Lady» Baden-Powell

Continuação da pág. 1

para promover o desenvolvimento dos rapazes e raparigas de todos os países.

Creio em Deus, Todo-Poderoso, e na existência do mundo que há-de vir, onde ambos estaremos reunidos. Estaremos sempre convosco, vós que pertenceis a esta grande família universal e continuaremos a preocupar-nos com os vossos progressos e o vosso bem-estar.

Estou certa de que continuareis a utilizar os métodos de trabalho e de jogo que o movimento oferece e a manter os laços de amizade entretecidos nas reuniões e acampamentos, sempre fiéis à Promessa e obedientes à Lei, a qual prometestes observar quando aderistes ao movimento.

Assim, não só vos desenvolvereis física e espiritualmente, como também influenciareis aqueles que vos rodeiam ao fazerdes o que é bom e justo e, ao mostrar compreensão, lutareis contra o mal deste mundo e contribuireis para fazer dele um lugar em que seja agradável viver.

Estou certa de que os vossos esforços serão recompensados...

Que Deus vos abençoe.

(Mensagem gravada em 12 de Novembro de 1973)

A ACM da Covilhã

A ACM da Covilhã é constituída por um dedicado grupo de ilustres covilhanenses, que estão decididos a desenvolver naquela cidade o movimento acemista.

Presentemente, a ACM mantém já um interessante Centro de Educação Especial, para crianças diferentes, no qual recebem educação cerca de 40 crianças deficientes daquela zona, especialmente recrutadas nas classes mais desfavorecidas.

A Escola, instalada num agradável edifício dos arredores da cidade, é servida por um grupo de especialistas, senhoras, que estão realizando uma obra que tem conseguido conquistar a simpatia e apoio de toda a cidade.

A obra deste Centro está em franco desenvolvimento, tendo registado um significativo impulso no primeiro semestre deste ano.

Administração

Pagamento de Assinaturas

Muitos dos nossos estimados Assinantes continuam a corresponder simpaticamente ao nosso apelo para que nos seja remetido o valor das suas assinaturas. Tivemos o prazer de registar mais as seguintes remessas, que muito agradecemos:

ASSINANTES PATROCINADORES

Eng.º José Maria Nobre Santos	100$00
José F. Marinho	100$00
Manuel Orlando Teixeira	100$00
Cristiano Pires Caixeiro	100$00
António Monteiro Barros Lima ...	100$00
Vítor da Conceição Ferreira ...	300$00
Júlio Medeiros — Ponta Delgada	100$00
José Manuel Robinson — Funchal	100$00
Dr. Fernando de Meira Ramos ...	100$00

OUTROS ASSINANTES

Ferrer Segismundo Monteiro ...	60$00
Grupo n.º 7 — AEP	60$00
D. Wanda Ribeiro (2 assinaturas)	160$00
Francisco José Pires	60$00
José Filipe Pinto	70$00
D. Maria José de Távora	70$00
Manuel Nunes Pereira	75$00
Fernando Amílcar da Silveira ...	75$00
Bernardino do Vale Estêvão ...	75$00

Continuamos a fazer apelo para que nos seja remetido o valor das assinaturas. Temos em carteira diversos recibos sobre localidades da Província, que não desejaríamos remeter à cobrança pelo correio dado o preço exorbitante deste serviço postal. Mas só os nossos Amigos podem evitar que sejamos forçados a tão elevada despesa.

DOS AMIGOS DO «SEMPRE PRONTO»

De viagem

Comunica-nos o nosso estimado assinante escoteiro Júlio Medeiros, de Ponta Delgada, Açores, que vai emigrar para o Canadá.

Sinceramente lhe desejamos as maiores felicidades e esperamos, que após a sua instalação naquele próspero país, nos possa dar o seu endereço para a remessa de «Sempre Pronto», a fim de que não perca o contacto com o Escotismo Português.

Doente

O nosso estimado camarada e assinante Wolfgang Karl tem estado doente, motivo por que lhe endereçamos votos de boas melhoras.



Valores a salvaguardar



A notícia que nos chegou é muito vaga, mas parece exacta: o grupo 84 (AEP) do Entroncamento vai promover uma festa a caminho do seu ressurgimento. Esta unidade escoteira fez história no Movimento, teve actividade brilhante, reuniu muitos rapazes, quase todos pertencentes a famílias de ferroviários, rapazes que eram conhecidos e estimados de norte a sul de Portugal. Podemos até dizer que esse punhado de jovens conseguiu pôr os escoteiros portugueses a cantar Entroncamento, torrão natal que o bom Deus abençoou. Mas, a partir de certa altura, o «84» hesitou na caminhada, teve altos e baixos, e parecia destinado a desaparecer.

É pena que isto possa acontecer a um Grupo de Escoteiros com tantas tradições. Não podemos esquecer que um agrupamento assim é crisol onde se forjaram amizades, enriqueceram personalidades, orientaram vidas, valores que se projectarão ao longo dos anos. Os «Antigos», as famílias dos escoteiros e as próprias populações locais não podem consentir que se perca um valor desta natureza.

Os Grupos de Escoteiros, que realmente exerceram a missão para que foram criados, são valores que importa salvaguardar a todo o custo e que não podemos deixar morrer. Estão neste caso algumas unidades que estiolam como seja os Grupos n.ºs 1, 2, (o 3 desapareceu), 5, (o 53 também se perdeu!), 60, 77, 94 e outros que agora nos esquecem. Parece que só no Norte os Grupos conseguem sobreviver às vicissitudes.

Não podemos permitir que tais Grupos de Escoteiros se percam pela inércia dos responsáveis. Especialmente os «Antigos» devem intervir e salvaguardar um valor que lhes é querido.

O XX JAMBORI NO AR

Vamos tirar a carta de radioamador?

Os escoteiros portugueses, desde que têm participado no Jambori no Ar, sentem uma espécie de frustração pelo facto de lhes estar vedado, pelas instâncias oficiais, o uso do microfone e a interferência directa nas emissões.

Segundo o testemunho do conceituado radioamador sr. coronel Carlos Viana, de Tomar, testemunho que *Sempre Pronto* já registara nas suas colunas, essa interdição não ocorre só em Portugal, mas um pouco por toda a parte. Assim, não temos motivos para nos queixar, visto ser uma norma que é respeitada para além-fronteiras.

Por isso, damos absoluto apoio à campanha que a Organização Nacional iniciou agora e que tem por fim levar o maior número possível de escoteiros (e guias, com certeza) a obter a carta de radioamadores.

Concordamos francamente com esta campanha porque dela virão certamente bons resultados e benefícios concretos e perduráveis para o radioamadorismo.

Vamos, pois, tirar a carta de radioamador?

«Para ser radioamador escoteiro»

Pois a Organização Nacional não só sugere campanhas e estimula o entusiasmo dos escoteiros. Também se preocupa em lhes fornecer os meios necessários para tal.

Está neste caso a publicação de um folheto com o título «Para Ser Radioamador Escoteiro» que acaba de publicar.

Trata-se de útil monografia, onde os escoteiros e as guias podem encontrar rudimentos da regulamentação e da técnica do radioamadorismo.

Doravante, já os nossos jovens têm um meio que os orientará nos primeiros passos para a obtenção da carta de radioamador. O necessário, agora, é espírito de iniciativa; ou, melhor, espírito de escoteiro ou de guia.

Desnecessário é referir o interesse que a prática do radioamadorismo suscitará e os novos mundos que se abrirão àqueles que enveredarem pelo conhecimento desta técnica.

J. F. Jarrett na Holanda

L. F. JARRETT, o Organizador Mundial do JOTA, que tantas provas de amizade tem dedicado ao escotismo e guidismo portugueses, não estará este ano a operar com o posto da Secretaria Mundial do Escoteiro, o que acontece pela primeira vez.

O distinto dirigente escotista estará este ano na Holanda, fazendo honra ao convite que os escoteiros daquele país lhe fizeram para ver o JOTA «do outro lado».

Deposite o valor da sua assinatura no Banco Pinto & Sotto Mayor. conta n.º 12 571 — Sede, em nome de Capitolino Ferreira Macedo, Eduardo Ribeiro, c/ colectiva.

SEMPRE PRONTO — Propriedade da Aliança Nacional das ACMs de Portugal

(CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA)

Director e Editor — **Eduardo Ribeiro**
Director Adjunto — **Joel Ribeiro**
Administrador — **José Eduardo Pena Ribeiro**

EQUIPA DE REDACÇÃO:
A. C. Lapa Conde
Ernesto Clímaco do Nascimento

EQUIPA DE ADMINISTRAÇÃO:
Capitolino Ferreira Macedo
Luís Garcia

Número avulso: 7$50 — Assinatura anual: 75$00